

Feijão e sonho no jornalismo



Blanchard Girão: Na batida das "pretinhas", meio século de casamento entre imprensa, política e ética.

Em 1944, ele tinha 14 anos. Enquanto só garotos de sua idade começavam a deixar as calças curtas, Blanchard Girão já posava de gente grande e iniciava um casamento que dura quase meio século. Por isso, quem quiser escrever a história da imprensa cearense, terá que pedir ajuda a Blanchard, um dos grandes nomes da imprensa local.

São 48 anos de jornalismo noticiando a história do Brasil e do mundo: do fim da 2.^a Guerra, passando pela Copa de 50 — que foi no Brasil — o suicídio de Getúlio, renúncia de Jânio, até o movimento pelas Diretas Já.

Como a estrutura dos jornais era bastante diferente dos de hoje, Blanchard começou como revisor da Gazeta de Notícias, ganhando 50 mil réis por semana. Várias redações já conheceram seu trabalho. Ele já fez de tudo um pouco em jornalismo. Passou por quase todas as editorias como repórter e como editor. De junho de 44 pra cá, só parou durante a ditadura militar, quando trocou o jornalismo pela advocacia.

Eleito deputado estadual pelo PST, em 1962 — graças à penetração popular da Rádio Dragão do Mar — foi cassado logo depois do golpe militar. Afinal de contas, quem defendia a posse de João Goulart e ajudava a mobilizar a população rural para falar de reforma agrária, não era “amigo do sistema”. Ele confessa que todo o processo de cassação foi muito traumático. Para não causar maiores transtornos e acal-

mar a família, afastou-se da imprensa oficialmente, no começo da ditadura. Na verdade, continuou escrevendo crônicas e artigos com pseudônimos, é claro.

Em 69, o jornalista Lustosa da Costa aproveitou uma trégua dos militares e levou-o para o Correio do Ceará. A partir daí, foi Blanchard que não deu trégua. Do Correio foi para o Povo, onde ficou 14 anos — quase todos como editor do jornal.

No final dos anos 70, Blanchard acompanhou — como assessor de imprensa — o ressurgimento do Centro Industrial do Ceará, CIC. A idéia deste grupo era tirar o Estado da política repetitiva e atrasada dos coronéis. O Centro assume o poder local com a eleição de Tasso Jereissati, em 86. Até este ano, os representantes do CIC não perderam nenhuma eleição majoritária.

Durante o governo de Tasso, Blanchard Girão foi subsecretário de cultura. Hoje, está na assessoria de comunicação do Cambéba. Diferente da maioria dos assessores, diz que não é um entusiasta do grupo que está no poder, faz críticas à social democracia do PSDB. Segundo ele, a social democracia tucana está muito próxima do liberalismo econômico, e essa não é uma boa saída para o Brasil.

A conversa do jornalista Blanchard Girão com os estudantes do Laboratório de Jornalismo Impresso, da UFC, durou quase duas horas. Eles falaram sobre jornalismo, política, e sobre a possibilidade de ele assumir a direção do novo jornal que será lançado em Fortaleza pelo grupo Jereissati.

Entrevista com o jornalista Blanchard Girão, dia 03/06/92.
Produção, edição e texto final: Giovana Teles e Roberto Hipólito Filho.
Participação: Angélica Ramos, Carmem Brasil, Clayson Martins, Edgard Patrício, Fernanda da Escóssia, Giovana Teles, Henrique Silvestre, Isabela Martin, Lycia Ribeiro, Luciene Uchoa, Roberto Hipólito Filho e Rogério Norões.
Foto: Silas de Paula



Laboratório de Jornalismo — Blanchard, o que falta no jornalismo cearense?

Blanchard Girão — Falta dinheiro (risos dele e dos entrevistadores).

LJ — O senhor é muito bem visto, muito bem quisto pela maioria dos jornalistas daqui. Qual o segredo para ser tão bem relacionado?

BG — Nos problemas de relacionamento humano, nós temos que ser, acima de tudo autênticos, simples, sem afetação, principalmente quando estamos em algum cargo de chefia. Normalmente, o poder sobe à cabeça das pessoas. Procurei sempre me manter dentro da minha posição, sendo colega de todos, nivelando-me a eles, sem esquecer a hierarquia. Com isso, graças a Deus, sempre me sai bem por onde passei, deixando muitos amigos. Uma das poucas coisas que tenho orgulho na vida é exatamente isso: ser muito bem relacionado em toda a parte que chego. É importante que a gente sinta o trabalho sempre com um espírito coletivo.

LJ — Qual o ideal do jornalista?

BG — Olha, o ideal do jornalista é primeiro saber e depois transmitir o que sabe. Esse é o grande ideal. A fome de informações é permanente do homem. Ele nasce com o instinto da curiosidade. Acho que você por mais frio, indiferente que seja, sempre está sendo despertado para um fato qualquer. E esse volume de informação que carece a sociedade é que choca o cidadão. Não se pode falar em demo-

“O Povo tinha orientação de minimizar a cobertura da Diretas Já. O movimento era impressionante. Não se podia ficar de fora”

cracia, de maneira alguma, sem acesso à comunicação, à informação. Nós, jornalistas, temos uma responsabilidade muito grande. Essa responsabilidade que muitas vezes foge ao nosso controle, porque somos sempre assalariados, submetidos a determinados tipos de pressão: econômica, política ou ideológica. Nunca somos totalmente livres. Mas quando o jornalista é senhor da verdade, ele tem uma força impressionante, extraordinária, por mais que o camarada lhe pressione, você joga com o fato. O fato concreto, real.

LJ — Então, qual o jornalismo ideal?

BG — Bem. Veja o exemplo das “Diretas Já”. A Campanha começou com Rede Globo sabotando. Não se falava disso de forma nenhuma. A Globo não dava nada, mas alguns jornais como o JB, Folha de São Paulo e outras televisões davam informações que o movimento das diretas estava num crescendo impressionante. O jornal “O Povo”, de tradição conservadora, ligado à Arena, tinha orientação de minimizar a cobertura do fato. Um dia coloquei uma matéria bem grande, com tele-foto e tudo, na primeira página. No dia seguinte, a dona Albaniza (na época, presidente do jornal) veio, já doente, alquebrada, e me disse: “Blanchard, não esqueça que esse jornal é do PDS”. Então perguntei: “Qual o PDS da senhora”? Sabia que ela tinha muita raiva do Maluf, e disse que era o PDS do Maluf que estava sabotando a Campanha. “Olhe as milhares de pessoas que tinham lá. É impressionante. O jornal não pode ficar a reboque disso, tem que dar”. Aí ela disse: “Você está certo”. A partir daí, abri. Dei todo o destaque que o fato merecia.

LJ — O senhor exerceu vários cargos de chefia, sempre tentando nivelar-se com seus subordinados. Como era sua relação com a direção do jornal?

BG — Sempre procurei integrar a minha equipe com a direção. Nas reuniões, mostrava a importância dos setores, do papel da equipe, da liberdade que se tinha que dar. Mas também sempre chamei a atenção dos membros da equipe que estavam agindo mal, viciados, indiferentes. Sempre consegui defender a equipe. Houve uma tentativa de greve no jornal “O Povo” e mostrei à dona Albaniza a procedência das reivindicações. Era um movimento grande, envolvendo os gráficos também. Minha situação era difícil porque exercia um cargo de confiança. A greve ia começar porque o novo diretor comercial queria passar a pagar mensalmente, ao invés de quinzenalmente. Isso abalava a estrutura econômica do pessoal, todo mundo vivia com um “salariozinho” na ponta dos dedos. Peguei o carro, fui bater na casa da velha Albaniza. Ela se aprontou e veio comigo para a redação do jornal. Chegamos lá mais ou menos às seis da tarde. Ela chamou o pessoal e mandou suspender a nova política de pagamento. O pessoal se contentou e suspendeu a greve.

LJ — O jornal “O Povo” perdeu muito com a morte da dona Albaniza?

BG — Sim.

LJ — O que ela tinha que o Demócrito (Dummar, atual presidente de “O Povo”) não tem?

BG — Primeiro, tinha sangue de jornalista. Ela era filha de jornalista, um dos mais combativos do Ceará (Demócrito Rocha). Casou-se com um repórter, Paulo Sarasate. Já o Demócrito Dummar tem muito mais vocação para a atividade mercantil. Ele é filho do João Dummar, que foi o pioneiro da venda à prestação no Ceará. O Demócrito é um comerciante. Ele vê jornal sob o aspecto mais empresarial, do negócio e não do jornalismo.

“O Demócrito Dummar vê o jornal sob o aspecto mais empresarial, e não do jornalismo. Isso refletiu no conteúdo de O Povo”

LJ — Isso refletiu no conteúdo do jornal?

BG — Sem dúvida refletiu muito, demais. Nos bastidores eram celebrados certos acordos. Esses convênios refletiam na linha editorial do jornal. Minha saída de “O Povo” tem muito disso. Segundo a informação que me chegou na época, eles teriam negociado o jornal com um grupo ligado ao ex-ministro César Cals. Comecei a notar alguns problemas, como a mudança de manchetes e chamadas que eu deixava prontas. Elas eram modificadas sem que eu fosse avisado. Mas nunca liguei muito para isso. Achei que estava mesmo na hora de sair.

LJ — Depois da greve dos jornalistas em 88, o Sr. teve problemas com o Sindicato dos Jornalistas?

BG — O que aconteceu foi o seguinte. Sou fundador do Sindicato. O próprio estatuto interno me garante permanência durante toda a minha vida. Numa eleição, tentei me inteirar do processo. Então cheguei lá e uma moça, minha conhecida, secretária do Sindicato, falou que minha ficha não estava lá. Ainda voltei 2, 3, 4 vezes, depois notei que estava havendo alguma coisa diferente. Zanguiei-me e perguntei o que acontecia. Então disseram que eu tinha deixado de comparecer às reuniões, sem pagar as taxas e que haviam cancelado minha inscrição. Achei um desrespeito. Aí fiz uma nota, um tanto dura, no JD. Depois o Agostinho (ex-presidente do Sin-

Com quase 50 anos de jornalismo, diz que a melhor experiência profissional foi ser diretor do extinto Jornal do Dorian — JD.

Blanchard tem 4 filhos, 2 homens e duas mulheres. É casado há 32 anos com a dona Cleide Cisne.

Dá extremo valor à família. É avô-coruja. Adora quando as duas “netinhas” ligam pra ele durante a semana.



Na começo da ditadura militar, foi obrigado a deixar as redações. Passou dois anos advogando.

Mesmo trabalhando na advocacia, não abandonou o jornalismo. Na época, escreveu artigos, editoriais, tudo com nomes falsos.

Já foi tachado de comunista. Com a ditadura, perdeu o mandato de deputado. Afirma não mais ter pretensões políticas.

dicato dos Jornalistas do Ceará) ligou pra mim e a coisa ficou mais ou menos sanada. Agora, houve realmente esse estremecimento, mas não está relacionado diretamente à greve de 88. Naquele momento, contaram até que eu tinha sido expulso do Sindicato.

“Na última greve dos jornalistas, o JD foi um canal de comunicação da categoria. Mas eles queriam que o jornal parasse”

LJ — O Sr. trabalhava em algum jornal na época da greve, em 88?

BG — Trabalhava no Jornal do Dórian (JD). Nós oferecemos o jornal como um canal de comunicação dos grevistas, da categoria, junto à sociedade e aos outros órgãos. Mas eles queriam que o jornal parasse. Eu dizia que não tinha cabimento, se o jornal parasse eles perdiam o único canal de negociação. E nós continuamos divulgando todo o noticiário da greve. Era uma maneira de fortalecer o jornal, que era independente. Mas eles não aceitaram, queriam parar todos os jornais.

LJ — O Sr. já foi convidado para voltar à imprensa?

BG — Há poucos dias recebi um convite de uma pessoa muito ligada à direção de “O Povo” para reassumir o jornal. Disse que não. É uma carga muito pesada. Depois o Demócrito veio, conversou muito, mas... Apesar de ter saído magoado de “O Povo”, mantive bom relacionamento com o pessoal de lá.

LJ — O novo jornal de propriedade do empresário Tasso Jereissati pode leva-lo novamente à posição de chefia dentro da imprensa cearense?

BG — Não, não acredito. Já dirigi jornal, a responsabilidade é muito grande, o desgaste é tremendo. Chega uma certa idade que nós temos que ter um pouco mais de descanso. Posso colaborar, fazer uma coluna, escrever uma crônica, mas chefiar, não. Para dirigir um jornal desse, é preciso muita fibra para enfrentar as contradições, os interesses políticos. Eu iria me atritar com amigos, com pessoas por quem tenho estima pessoal. Mas se eu fosse, quer di-

zer, se eu chegasse a ser do Conselho Editorial de um jornal hoje, ia tentar fazer dele um jornal mais ou menos na linha da “Folha de São Paulo”. Um jornal, o tanto quanto possível, aberto ao debate dos problemas nacionais, ouvindo opiniões generalizadas.

LJ — O Sr. tem idéia de quem vai assumir esse jornal?

BG — Tem pessoas, no Ceará, bem mais identificadas com o Tasso do que eu. Um é o Egidio Serpa. Outro é o Wanderley Pereira. Um terceiro é o Tancredo Carvalho, da Jangadeiro.

LJ — O Sr. foi convidado para dirigir esse jornal?

BG — Não, não.

LJ — Você fala numa fase do jornalismo cearense idealista e outra profissional. Esses dois aspectos, idealismo e profissionalismo, são antagônicos?

BG — Não, pelo contrário, até se complementam. O problema é que o camarada chega cheio de sonhos, e sonhar não é pecado, mas quando ele chega lá se depara com uma realidade muito frustrante. Ai é o momento de ser consciente, de se impor com habilidade, mostrar por a + b que é importante que o povo saiba das verdades. No entanto, muitas vezes você vai se frustrar. Você sabe que tem uma matéria boa, verdadeira, que a fonte é respeitável, mas o veículo tem outros interesses que impedem de divulgar. Ai você fica: “Meu Deus. Fui ser jornalista pra dizer a verdade e não me deixam dizer”. Aquilo é frustrante, porém isso tem que servir é de estímulo.

“Não fui convidado a dirigir o jornal do Tasso. É preciso muita fibra para enfrentar as contradições de um jornal desses”

LJ — Qual a maior frustração?

BG — São tantas. É tanta coisa que a gente não conseguiu fazer. Queria fazer uma espécie de jornal do leitor. Com muito esforço, o Demócrito me cedeu um caderno, uma vez, no aniversário de “O Povo”. Os empresários alegam que isso é caro. É engraçado, os jornais daqui foram encolhendo. Não têm mais suplemento literário, página de cinema...

LJ — E o jornal diet que a Folha lançou?

BG — A “Folha de São Paulo” tá inovando muita coisa. As experiências dela são válidas porque é um pessoal que mesmo a partir da mentalidade dominante está mudando. Agora, a Folha tem um pecado. Para o Themístocles (de Castro e Silva, jornalista) tudo que é velho é bom, tudo que é novo não presta. Na Folha é exatamente o contrário. Então eles estão pecando pelo exagero. Tem que saber dosar as coisas.

LJ — O Ceará tem carência de jornais?

BG — Tem muito. No meu tempo tinha nove diários. É a crise econômica.

“Muitas vezes você se frustra. Sabe que tem uma matéria boa, mas o jornal tem outros interesses que todos o impedem de publicar”

LJ — Qual é a sua opinião sobre a ética profissional?

BG — A primeira coisa que você tem que ser é honesto para consigo próprio. Eu assisti determinadas situações dentro dos jornais em que profissionais humildes eram obrigados a fazer determinados serviços... É o velho dilema do Origenes Lessa, entre o feijão e o sonho. Se deve conciliar os sonhos. Não abrir mão deles, mas tentar conciliar com a sua realidade.

LJ — Blanchard, o que você acha da pauta? (dicas de perguntas e informações sobre determinada matéria que será feita pelo repórter. No Ceará, via de regra, as pautas são muito pobres de conteúdo. Limitam-se geralmente a algumas perguntas que devem ser respondidas na matéria).

BG — A pauta é um bem e um mal em jornalismo. Se o editor chega e lhe entrega uma pauta, muitas vezes você só faz aquilo que está ali. A pauta é apenas uma orientação, mas não deve tolher a criatividade do repórter. O repórter que é o grande nome da imprensa: seja em rádio, jornal ou televisão. O repórter é a figura máxima do jornalismo. Nem editor, nem editorialista, nada se compara ao repórter. Ele é o pró-



prio instrumento da transmissão da notícia, e deve ser valorizado.

LJ — *Você é a favor da obrigatoriedade do diploma para jornalista?*

BG — A esta altura, acho importante. Sabe por que? Porque se deixar a critério das empresas vai acontecer exatamente como no rádio. As empresas chamam quem fizer mais barato. E preciso valorizar a profissão. O diploma, hoje, é uma necessidade, até para fortalecer o jornalismo, garantir a qualidade da informação.

LJ — *Isso não é uma posição corporativista?*

BG — Não. É uma necessidade. Se não valorizar vai ficar mais vulnerável ao poder econômico. É preciso observar a atividade jornalística como profissionais, como atividade de onde o profissional tira seu sustento. Isso é importantíssimo para acabar com aquele vício que foi muito comum no Brasil, o birosismo. O jornalista tinha um emprego, o salário era pouco, mas em compensação o dono da empresa arranjava um emprego em secretaria tal. O sujeito ia para lá, mas na verdade não trabalhava. Dizem que os jornais pagam muito pouco ainda, mas dá para conciliar trabalhando em um jornal e outro, sem cair no birô.

“O rádio é mais importante que todos os exércitos reunidos. Com uma cadeia de rádio, eu tomava o poder político dos povos”

LJ — *Nós já falamos de jornal e TV. E o rádio?*

BG — O rádio é mais importante que todos os exércitos do mundo reunidos. Com uma cadeia de emissoras de rádio eu tomava o poder político de todos os povos. O rádio é o companheiro inseparável de todos. Ele tem uma força de fermentar a cabeça que nenhum outro meio tem.

LJ — *Mas ele não pode manipular também?*

BG — Ele manipula, mas dá margem a criar suas próprias conclusões. Assista a uma partida ruim de futebol na TV, se você não dormir... Mas vá pro rádio. O locutor

fica lá do outro lado, bi bi bi. Eu lá quero saber de TV, quero me emocionar.

LJ — *Então, qual o papel do jornal?*

BG — O jornal tem que ser hoje um veículo de formação, mais de formação da opinião pública que de informação. Como veículo informativo, já era. Embora você queira o detalhe, que a televisão, na sua pressa, não dá, o jornal tem que responder é o porquê das coisas. Ele tem que partir para isso, como faz a imprensa francesa. O jornal tem que ser analista do fato. A televisão tenta fazer isso, mas os comentaristas ficam, em geral, muito espremidos.

“Na Assembléia, tem muito ‘nêgo’ com mentalidade de vereador, interessado simplesmente em conseguir poste, calçamento”

LJ — *Você foi deputado estadual no início da década de 60. Qual a diferença da política de ontem para a de hoje?*

BG — O Brasil tem espasmos históricos. Vivi uma fase de lutas, de conscientização, de debate. Infelizmente, concluídas com a intervenção estrangeira escandalosa, com o golpe militar. Quando estive na Assembléia, ela era constituída por pelo menos 1/3 de pessoas dispostas a discutir, a debater, bem melhor do que hoje. Atualmente, tem muito “nego” com mentalidade de vereador, interessado simplesmente em conseguir poste, calçamento.

LJ — *Como o golpe militar influiu na imprensa do Ceará?*

BG — O golpe começou, na realidade, em 61. Nesse ano, os militares chamaram todos os diretores de rádio, de jornais para uma reunião. Fui representando a Rádio Dragão do Mar. Eles disseram que a situação era muito perigosa, que podíamos insuflar a massa, que o povo podia ir para a rua. Eles queriam que nós fizéssemos a autocensura. Então eu disse: “Coronel, me perdoe, mas a pior punição é a autocensura. O Sr. faz o seguinte, manda um oficial lá pra rádio fazer a censura, porque não vou me censurar”. Os militares queriam, na verdade, que a Dragão não transmitisse a “Cadeia da Legalidade” (rede de

emissoras que defendia a posse de João Goulart, depois da renúncia de Jânio Quadros). Então eles mandaram um oficial pra lá, e nós não estávamos ainda em regime de exceção. Naquela reunião, nunca vi tanto “puxa-saco”. Era diretor de rádio, diretor de jornal. Todos falando que os militares tinham razão: “O Sr. tá certo, não vai sair nada”, diziam. A coisa mais deprimente. A única exceção foi a minha, mas iria pagar por isso depois de 64.

LJ — *Você sempre foi visto como avançado, esquerdista. Qual sua atitude mais ousada enquanto deputado?*

BG — Fiz um trabalho com o padre Arquimedes Bruno, que hoje mora em Paris. Nós fizemos um protesto para organizar associações de trabalhadores rurais. Isso porque não existe regime democrático sem cidadania. Nós queríamos acordar essa gente. Uma vez quase fui morto por uns latifundiários do interior porque estava fazendo uma palestra sobre reforma agrária. Temos que melhorar as condições do povo brasileiro.

LJ — *Você disse que o Collor é um produto de marketing legítimo. Quem tem melhor marketing, Ciro ou Collor?*

BG — O Collor hoje em dia tá por baixo. O Ciro Gomes tem um trabalho muito bem feito. Indiscutivelmente foi eleito à sombra de um marketing muito bem elaborado. Agora, desde o Tasso, eles têm procurado mudar os hábitos políticos. Não sei até que ponto aprofundam isso, mas têm tentado. Não é à toa que o Ciro é tão assediado pela imprensa de todo o Brasil.

“Fiz um trabalho para organizar associações rurais. Queria acordar essa gente. Quase fui morto por uns latifundiários”

LJ — *A proximidade do Sr. com o grupo das mudanças, do ex-governador Tasso Jereissati, é de caráter ideológico, idealista...*

BG — Trabalhei com o Dr. Tasso no Centro Industrial do Ceará quando surgiu a idéia de ressuscitar o CIC e formar uma geração nova de empresários. Isso foi há dez anos ou mais, 78, 79, por aí. Então esses meninos, especial-

• **Aprecia o socialismo democrático. Mas alerta para não confundir com a social democracia do PSDB.**

• **Condena o governo do Presidente Collor. Segundo ele, em outro país já teria ocorrido uma revolução popular.**

• **Para ele, o PT é o único partido do País, hoje. O problema é que o PT parece escola de samba, cheio de alas.**



O Fortaleza, tricolor de aço, é seu time de futebol do coração. Muitos jogos ele prefere acompanhar pelo rádio.

Ele não se considera uma pessoa religiosa. Crê em Deus, embora não tenha religião. A Teologia da Libertação tem sua simpatia.

mente o guru deles todos, chamado Benedito Clayton de Alcântara Veras — vulgo Beni Veras, senador pelo PSDB, o cabeça pensante de todos — começou a colocar o CIC na linha do debate das grandes questões brasileiras. Eu era assessor deles. Nos trouxemos pra cá todo aquele grupo que comandou a abertura. Trouxemos o Montoro, uma porção deles, para debater os assuntos do momento. Conheci o Tasso menino, porque trabalhei na campanha do pai dele. Agora, dele pra mim eu não sei. Mas da minha parte, me apro-

“Aproximei-me do Tasso porque acreditava, e ainda acredito, que existe vontade de tirar o Estado das páginas conservadoras”

ximei porque acreditava, e ainda acredito que existe vontade política de tirar o Estado das práticas conservadoras, repetitivas.

LJ — É a briga de “O Povo” com o Cambéba? Qual o motivo?

BG — A briga do Demócrito com o Tasso, e por consequência com o Ciro, está ligada àquele aspecto que falei, da formação mercantilista do nosso amigo Demócrito. Dizem que “O Povo” tinha grande quantia para receber e o Tasso simplesmente brecou o pagamento. Ai começou a esculhambar. Depois houve uma tentativa de aproximação com o Tasso, mas não deu certo.

LJ — O Sr. não acha que o fato de o governador Ciro Gomes ter sido ligado aos coronéis, não invalida e compromete as mudanças?

BG — Conheço pouco da vivência política dele. Ele é um rapaz extremamente inteligente, dono de um Q.I. fora do comum, fora do normal. O Ciro, apesar da sua origem, muda essa política clientelista. Nega mesmo.

LJ — Antes de terminar, o que o Sr. acha das greves?

“Sobre a ética, a primeira coisa é ser honesto consigo. É o velho dilema entre o feijão e o sonho, de Orígenes Lessa”

BG — A greve é um instrumento absolutamente legítimo e válido mas não deve ser deflagada com precipitação. Você tem que que esgotar os últimos diálogos antes de fazer greve, porque uma greve mal-feita traz prejuízos muito grandes. Teve algumas greves precipitadas, inclusive na última delas o Sindicato dos Jornalistas ficou até até “assim” comigo.

LJ — O Sr. disse que no jornalismo se vive o dilema entre o o feijão e sonho. O Sr. ficou com o sonho ou com o feijão?

BG — Eu botei um pouco de sonho no caldo de feijão.